



São José da Terra Firme recebe o Imperador

A praça central da Villa de São José ficou apinhada de gente na manhã do dia **20 de outubro de 1845**, quando o Imperador Pedro II e a Imperatriz Dona Teresa Cristina desembarcaram num cais construído às pressas para a ocasião. Estavam acompanhados de uma pequena multidão em escalares de navios de guerra e três iates “embandeirados em arco com muito gosto” e uma banda de música.

Recebidos no cais pela Câmara Municipal, seguiram para a Igreja de São José “debaixo do Palio levado pelos vereadores, trajados à Corte com capas e bandas de cetim branco”, passando por “alas de coqueiros, ligados por grinaldas de verdura”, nos conta o autor de “O Relator Catarinense”. O casal parou alguns instantes em frente à Igreja, decorada com uma “elegante arcada, ao pé da qual estavam em duas alas de meninas elegantemente vestidas”. Tudo correu dentro da maior formalidade. Duas meninas aguardavam o casal, filhas do coronel Joaquim Xavier Neves e do tenente-coronel Luís Ferreira do Nascimento e Mello, para saudar e lançar “uma chuva de cheirosas flores”.

Viva!

Na Igreja, o Vigário entoou o Te Deum laudamus, pronunciando depois um “eloqüente e bem traçado discurso”, tendo como tema o Verso 24 do Livro 1 dos Reis, capítulo 10. **“E Samuel disse a todo o povo: agora já conheceis, a quem o Senhor escolheu, porque não há em toda a Nação outro, que iguale a este.**

E todo o povo o aclamou, gritando: Viva e Rei!”.

Terminada a solenidade religiosa, os Imperadores seguiram até a casa do coronel Neves, “cuja hospitalidade se dignaram a aceitar”, e onde houve “Beija-Mão. A 3ª Legião da Guarda Nacional, “lucidamente uniformizada com o número de 600 baionetas e 250 cavaleiros guarneciam as faces da praça da Matriz”, dando as “descargas de estilo, e formando em coluna aberta, executou a marcha em continência”, se retirando em seguida.

Depois do jantar “delicado e abundantemente servido”, D. Pedro, Dona Teresa Cristina e seus seguidores montaram, se deslocando a cavalo até a Praia Comprida (região de Campinas e Kobrasol), onde foi oferecido um “espetáculo de corridas de cavalos, e de lançamento de bois, à moda do Sul”, tido como o **Primeiro Rodeio** de quem se tem notícia no Estado.

Cidadãos Notáveis

A estrada que ligava São José ao Estreito, numa extensão de “légua e meia, estava bordada de um lado e de outro de habitantes de ambos os sexos, desejosos de, ainda uma vez, gozarem no seu distrito a presença de seus Soberanos”. Além do Corpo de Cavalaria da Legião, outros 200 moradores acompanharam o casal.

No Estreito, as embarcações aguardavam para conduzir a comitiva de volta a São José, cujo Centro Histórico fora iluminado. No trapiche, estavam presentes “todos os cidadãos notáveis”, muitas “alas de imenso povo” e “grande número de girândolas”, terminando com “Vivas repetidos de todos os lados”. E o casal foi embora.



Retorno

D. Pedro II retornou a São José da Terra Firme uma semana depois. Primeiro à caminho de Caldas do Cubatão, atual Caldas da Imperatriz, depois acompanhado do conde de Irajá, capelão-mor de SS. MM., para administrar o sacramento da confirmação. Na primeira vez que Irajá administrou esse sacramento, dia 18, “foi tão grande o concurso dos confirmandos, que só a paciência suma do Apóstolo de Jesus Cristo, só a grande prudência de seus assistentes”, com a ajuda de outros prelados, “seriam capazes de conte-lo!” O ato, repetido no dia 19, teve a mesma afluência, obrigando o bispo a “continuar na administração do Crisma nas seguintes noites efetivamente”.

O conde de Irajá reconheceu as dificuldades da população, pois grande parte de “suas ovelhas”, não pode comparecer à Igreja de dia, “por falta de trajos para irem a seus pés”. O bispo chegou a permanecer até por volta de 22 e 23 horas ministrando a crisma, além de dar esmolas a vários pobres, e miseráveis.”



Rumo a Caldas do Cubatão

Quinta-feira, **29 de outubro de 1845**. Acompanhado da sempre numerosa comitiva, D. Pedro II e a Imperatriz Dona Teresa Cristina embarcam às 7h30 com destino a Caldas do Cubatão, hoje Caldas da Imperatriz, no município de Santo Amaro da Imperatriz, passando em São José da terra Firme para um almoço na casa do coronel Xavier Neves. A presença do casal provocou “grande concurso de povo, por entre uma chuva de flores, correspondente ao grande número de foguetes lançados ao ar”.

Terminado o almoço muito “bem preparado”, os dois tomaram o rumo de Caldas, cuja estrada estava “de um e outro lado, bordada quase efetivamente de alas, feitas pelos seus moradores de ambos os sexos, e de todas as idades, que mostravam em seus semblantes, misturados com a simplicidade dos costumes campestres, a sincera amizade e adesão ao nosso Imperador e à nossa Imperatriz, a admiração, e júbilo, que os arrebatava, pela presença dos Augustos Monarcas em seus lares!”.

A melhoria da estrada entre São José e Caldas do Cubatão foi assumida pelo mesmo coronel Xavier Neves, uma das primeiras providências tomadas ao ser confirmada a visita imperial. “Este trabalho, que o digno coronel levou a efeito”, teve o “espontâneo e gratuito serviço de 1200 cidadãos, que concorreram ao convite do diretor”, serviço que abrangeu “todas as pontes e caminhos do município de São José”.

O povo que ladeava a estrada proporcionou um espetáculo à parte, ricamente ilustrado pelo linguajar da época. “Reconhecia-se nesses semblantes o êxtase de que se achavam apoderadas almas tão puras! Viam, e ajoelhavam-se ante o PAR Excelso; lançavam-lhe com suas próprias mãos um aluvião de flores; saudavam-no com incessantes Vivas”.

As pessoas, segundo o mesmo cronista de “O Relator Catarinense”, “ouviam com seus ouvidos as meigas e doces frases, que Ele lhes dirigia; pegavam, levavam a seus lábios, beijavam, e inundavam com lágrimas de prazer as Mãos sagradas dos Monarcas e parecia-lhes um impossível o que viam, o que ouviam! Parecia-lhes um sonho o gozo, que estavam tendo, a felicidade e honra que desfrutavam!”

Gozou de Igual Prazer

Por volta das 14 horas, chegaram à Fazenda Santana, na então localidade de Cubatão (atual sede de Santo Amaro da Imperatriz), se instalando na casa de Joaquim Alexandre de Campos, fundador da cidade e responsável pela guarda da Fonte de Caldas. Ali foi servido um jantar que o mesmo coronel Neves “tinha feito preparar com a possível profusão”.

Jantados e descansados, continuaram a jornada, chegando ao entardecer no Passo do Rio Cubatão, imediações da atual ponte de acesso a Caldas, onde se achava uma “jangada decentemente arranjada, e tapisada”, quer dizer, coberta por tapetes, com duas cadeiras em que “os Augustos Monarcas” puderam se sentar para a travessia do rio. A embarcação foi conduzida até a outra margem por 16 homens que entraram na água para realizar o transporte. Já era noite quando percorreram o último trecho do caminho até Caldas.

No percurso o casal deve ter pensado na chegada ao Passo do Cubatão, com características de apoteose: o local estava guarnecido de “arcos com festões de flores silvestres presos nas palmeiras fincadas em alas, entre as quais se via um grande número de habitantes do lugar, sendo a maior parte moças”, todas trajadas “com bastante aceio”. Elas receberam o casal lançando flores “com profusão, acompanhadas de Vivas”, repetidos do outro lado do rio, por igual número de pessoas.

Exaustos, o Imperador e a Imperatriz chegaram finalmente ao destino, onde usufruíram uma “bem servida ceia, e outras comodidades que, de certo, não sem grandes dificuldades ali se pode providenciar”. Tudo foi coordenado pelo comendador Marcos Antônio da Silva Mafra, e “quem conhece a posição das Caldas, deve bem aquilatar o trabalho e dificuldades, que se

apresentaram a este digno cidadão, mas que teve forças para superar”. O hotel estava em obras e as banheiras de mármore só seriam instaladas alguns anos depois.

Pedro e Teresa Cristina ficaram hospedados “na casa principal do estabelecimento de que é **Protetora a Augusta Imperatriz dos Brasileiros**”, enquanto “uma grande parte da comitiva, convidada pelas fadigas da jornada, e intenso calor de todo o dia, deu-se ao prazer dos banhos, na mesma noite”.

No dia seguinte o casal visitou o hotel, na época com características de hospital, “mostrando-se satisfeitos com o que encontraram”. O Imperador “se entregou por algum tempo a algumas observações termométricas, e em conservações a este respeito”. Depois “quis banhar-se, não nos banhos quentes, mas no ribeirão das Águas Claras, onde se lhe arranhou de momento uma espécie de barraca”, abrigando também a Imperatriz que “gozou de igual prazer”.

Enquanto esteve em Caldas, o Imperador Pedro II se avistou com dona Vitória, “moradora no Cubatão, de mais de 90 anos de idade”, que teve a “bem ventura de chamar a atenção” do casal imperial, “dando as mãos para que fossem beijadas”. Bastante conhecida na região e “estirpe de uma imensa prole”, cujas “virtudes e caridade”, emocionou o casal. No dia seguinte, todos partiram depois do almoço, às 8 horas. “A passagem do Cubatão fez-se pela mesma forma” que na chegada, indo o casal jantar na casa de Joaquim Alexandre de Campos, antes de partir rumo à capital catarinense.

Retratar

“Quisérámos poder descrever com as próprias cores”, diz o cronista de “O Relator Catarinense”, tanto a “recepção dos Augustos Monarcas em toda a extensão desde São José até as Caldas, como a sensibilidade, que o conjunto de circunstâncias, dadas nessa jornada, foram capazes de produzir no animo de todos os observadores”. Entretanto, “já que nossa insuficiência tão longe disso nos retém, contentamo-nos com narrar os fatos despídos de atavios, e somente ornados com as vestes cândidas da verdade”.

O passeio a Caldas, segundo o cronista, “apresenta um extremo agradável, e bem digno de ser traçado pelo pincel de um Rafael, ou de um David! Quadro em extremo demonstrativo do ano, e da fidelidade Catarinense para com seus Pios e Benfazejos Monarcas!”, diz. “Quadro, enfim, que atravessará, com as cores sempre vivas, a extensa região dos tempos; porque aqueles, que o presenciaram, desenhá-lo-ão a seus netos, e estes aos netos de seus netos”.